



CULTURA, POLÍTICA E ENGENHARIA SOCIAL: REVELANDO ALGUMAS PROXIMIDADES DE GILBERTO FREYRE COM OS GOVERNOS MILITARES

Maria José de Rezende*

Universidade Estadual de Londrina – UEL

wld@rantac.net

RESUMO: Gilberto Freyre abarcou em suas análises empreendidas nas décadas de 1960, 1970 e 1980 diversos aspectos da vida social brasileira. Suas propostas de intervenção do engenheiro social reafirmavam as suas convicções, conhecidas desde as décadas de 1920 e de 1930, acerca da existência de um país democrático em sua estrutura. As propostas de abertura política da década de 1980 teriam, segundo ele, que lidar com as complexidades sociais e psicossociais derivadas dessa condição democrática cristalizada na esfera social, mas não na esfera econômica. Ou seja, não havia somente problemas políticos e econômicos a solucionar, naquele momento, mas eram esses os mais desafiantes, já que os problemas atinentes à esfera social e cultural tinham sua solução facilitada pela vigência, no país, desde a colonização, de uma forma de democracia social que tinha de ser levada em conta em toda e qualquer proposta de mudança em andamento.

PALAVRAS-CHAVES: Engenharia social – Ação política – Mudança Social – Regime Militar

ABSTRACT: Gilberto Freyre encompassed in his analyses carried out in the 60s, 70s and 80s several aspects of Brazilian social life. His intervention proposals of the social engineer restated his convictions, known since the 20s and 30s, on the existence of a democratic country in its structure. The proposals of political opening from the 80s would have to, according to him, deal with social and psychosocial complexities derived from this crystallized democratic condition in the social sphere, but not in the economic one. That is, there were not only political and economic problems to solve at that time, but they were the most challenging ones, since the problems concerning the social and cultural spheres had their solution facilitated by the existence, in the country, since colonization, of a kind of social democracy that had to be considered in each and every proposal of change in progress.

KEYWORDS: Social Engineering – Political Action – Social Change – Military Regime

* Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo, professora de Sociologia da Universidade Estadual de Londrina, membro do corpo docente do programa de mestrado em Ciências Sociais da UEL e dos programas de especialização em Ensino de Sociologia e em Comunicação Popular e Comunitária. Co-autora de alguns livros, tais como: **Iniciação à Sociologia**, da editora Atual e **Direitos humanos e educação**, da editora Cortez em co-edição com a FEUSP. Autora dos livros **A ditadura militar no Brasil** e **A transição como forma de dominação política**, ambos publicados pela Eduel.

Gilberto Freyre (1900-1987) pode ser estudado no que tange as suas atitudes diante dos processos de mudança que ganharam forma no país e no mundo no decorrer do século XX. No entanto, esse artigo não tem como traçar um amplo painel sobre todas as suas idéias e propostas políticas que ganharam forma ao longo de diversas décadas. Neste texto serão destacadas somente as suas atuações a partir da década de 1960, já que desde a instauração do regime militar em 1964 ele procurou elaborar as linhas principais de um agir dos poderes públicos, dos governantes, dos intelectuais dentro do que ele considerava engenharia social, a qual era definida por ele como uma metodologia:

[...] em que o trato com os problemas de interação social e de relações do indivíduo com o seu ambiente, o seu espaço e o seu equipamento de trabalho, é o trato objetivamente científico sem deixar de ser humanístico. Tal é a densidade psicossocial dentro da qual o homem moderno se desenvolve tecnologicamente, que o engenheiro físico precisa, por sua vez, de assimilar das ciências sociais, métodos já especificamente dessas ciências, para lidar com problemas que não são puramente de engenharia física: são também de engenharia social e de engenharia humana.¹

Em razão de quais motivações Gilberto Freyre passava a advogar a necessidade de implementação de uma prática de governo fundada num tipo de engenharia social? Essa sua sugestão dialogava com quais outras perspectivas dentro do grupo de poder do regime instalado em 1964? Ao defender a circunscrição dos poderes tecnocráticos através da expansão de uma engenharia humana e social, Freyre estava propondo que tipo de ação, exatamente? Do ponto de vista político, o que significava, nos seus escritos, ora a defesa da previsibilidade e do controle das mudanças ora a insistência de que o futuro era absolutamente incerto e imprevisível? A defesa de projetos de ação fundados numa engenharia social indicava que tipo de engajamento político de Gilberto Freyre?

Basta observar suas propostas de ação para os dirigentes que detinham poder de mando e de decisão durante o regime militar, para perceber que ele estava muito preocupado em sugerir ações aos que compunham o grupo de poder nas décadas de 1960, 1970 e 1980.² Tanto nas entrevistas à revista **Veja**, no início da década de 1970,³

¹ FREYRE, Gilberto. Palestra pronunciada em solenidade comemorativa do vigésimo aniversário de fundação da Sudene. 1979, p. 3. Disponível em: <http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/palestrapronunciada.htm>. Acessado em 12 jul. 2005.

² Freyre afirmava que o Instituto Joaquim Nabuco (Fundaj) vinha realizando obras de engenharia social desde 1949. Ver: Id. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 109.

³ Id. Se fosse jovem, seria hippie. **Veja**, São Paulo, n. 84, p.3-6, 14 abr.1970.

como nos livros **Insurgências e ressurgências atuais**⁴ e **Homens, engenharias e rumos sociais** fica evidenciada sua intenção de ser ouvido pelos governantes, pelas lideranças partidárias da Arena (Aliança Renovadora Nacional), partido que dava sustentação política à ditadura militar e que solicitou a Freyre, em 1972, subsídios para reformular o programa do referido partido político.⁵

A dedicação de Gilberto Freyre à discussão sobre engenharia social inscreve-se criticamente no debate acerca do objetivismo tecnocrático que ganha força a partir de 1964 com os economistas Eugênio Gudín e Roberto Campos. Estes dois últimos defendiam uma inovação institucional que passava pelo fortalecimento do poder executivo e pela expansão desse objetivismo.⁶ Ricardo Silva, no artigo **Ideologia de Estado e autoritarismo no Brasil**, demonstra como a idéia de um conhecimento objetivo passou a nortear o debate de intelectuais que apoiavam e/ou faziam parte do grupo de poder do regime militar.

O apelo ao fortalecimento do poder executivo vincula-se a uma visão mais radicalizada do 'objetivismo tecnocrático'. Para pensadores como Oliveira Vianna, a ação das elites do executivo estatal deveria ser balizada pelo conhecimento 'objetivo' e 'positivo' das sociedades, revelado pelas 'leis sociológicas'. Assim, as 'leis sociológicas são leis naturais e não podem ser violadas impunemente',⁷ e o poder que tem o Estado 'para modificar ou suprimir qualquer elemento da ordem social' só poderia ser exercido 'eficientemente dentro de certas condições – obedecendo às leis da ciência social'.⁸ Uma das reformulações fundamentais na recriação da ideologia do Estado autoritário reside justamente neste deslocamento do campo conceitual e semântico da sociologia para a economia. [...] O que as elites estatais devem fazer e como o farão já não é justificado em termos de adequação às 'leis sociológicas', mas sim em termos de adequação às 'leis do comportamento econômico'.⁹

FREYRE, Gilberto. apud Sábios e políticos. **Veja**, São Paulo, n. 194, p. 16, 24 maio 1972.
Id. apud O fiel do poder moderador. **Veja**, São Paulo, n. 198, p. 40-50, 21 jun. 1972.

⁴ Id. **Insurgências e ressurgências atuais**: cruzamentos de sins e de não num mundo em transição. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

⁵ Id. apud Sábios e políticos. **Veja**, São Paulo, n.194, p. 16, 24 maio 1972.

⁶ SILVA, Ricardo. Ideologia de Estado e autoritarismo no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, Florianópolis, n. 21, p. 19, jun. 2000. Disponível em: <<www.sociologia.ufsc.br/cadernos>>. Acesso em: 17 jul.2005

⁷ OLIVEIRA VIANNA. **Instituições políticas brasileiras**. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Eduff, 1987, p. 120.

⁸ Ibid., p. 100.

⁹ SILVA, 2000, op. cit., p. 20.

A proposta de Freyre de implementação de uma engenharia social e humana inscrevia-se na necessidade de combater este objetivismo que teria levado à expansão desmedida de uma prática tecnocrática fundada no desprezo para com as especificidades regionais e humanas. A tecnocracia teria tendido a não avaliar os efeitos funestos de suas medidas que não levavam em consideração o homem situado regionalmente.

GILBERTO FREYRE E A SUDENE: AÇÕES REVELADORAS DE UM DESACORDO POLÍTICO FUNDADO NA PERCEPÇÃO DA AÇÃO POLÍTICA COMO ENGENHARIA SOCIAL

Nos primeiros anos da década de 1960, quando Gilberto Freyre fazia parte do Conselho Deliberativo da SUDENE, uma “instância decisória máxima [...], um fórum qualificado de discussão dos assuntos de interesse da região”,¹⁰ ele provavelmente amadureceu, por oposição a anti-engenharia social de Celso Furtado,¹¹ o seu entendimento sobre a necessidade de uma técnica de ação dos governantes e dos agentes públicos que conseguisse garantir previsibilidades assentadas nas constâncias do homem brasileiro situado nos trópicos.

Pode-se dizer que as atitudes de Gilberto Freyre na Sudene (Superintendência do desenvolvimento do Nordeste), órgão criado pelo presidente Juscelino Kubitschek em dezembro de 1959, o qual teve como primeiro superintendente Celso Furtado, já revelavam uma perspectiva de ação fundada no que ele denominava engenharia social. Em seu pronunciamento na solenidade comemorativa ao aniversário de 20 anos da Sudene, em 1979, Freyre justificava que sua oposição a Celso Furtado devia-se ao modo arbitrário com que se colocavam em prática alguns projetos. Ou melhor, estes últimos não eram planejados como uma ação gradual de engenharia social capaz de preparar os

¹⁰ DUARTE, Renato. A necessidade da Sudene. Disponível em: <http://www.fundaj.gov.br/observanordeste/obed001g.html>. Acesso em: 15 jul. 2005.

¹¹ O fato de ser um crítico da engenharia social não colocava Celso Furtado do lado dos tecnocratas. Pelo contrário ele se opunha a esses últimos com veemência e vice-versa. “Roberto Campos defende a idéia de que a ciência econômica é, essencialmente, uma disciplina de meios e não uma doutrina de fins. Por esta razão não caberia ao economista realizar escolhas quanto aos objetivos a serem fixados para a política estatal. [...] É exatamente com esse espírito que os autores investem contra as concepções do economista Celso Furtado, autor que se afasta da categoria do ‘modernismo econômico’. A obra de Celso Furtado é representativa do esforço para compreender os fenômenos econômicos em sua dimensão histórica e institucional, sem evitar sua dimensão moral”. SILVA, Ricardo. Ideologia de Estado e autoritarismo no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, Florianópolis, n. 12, p. 22, jun. 2000. Disponível em: www.sociologia.ufsc.br/cadernos. Acesso em: 17 jul. 2005.

indivíduos envolvidos para as mudanças em curso naquele momento.¹² No livro **Além do apenas moderno**, de 1973,¹³ Freyre indicava que considerava um mero exercício de futurologia as ações de planejamento político que não se atinham à construção de previsibilidades fundadas na validade do ‘homem situado’. Segundo ele, as suas oposições a Celso Furtado fundavam-se, justamente, nesse aspecto.

Considera-se, no entanto, que havia, conforme ficou demonstrado em seu apoio ao regime militar, outros elementos que elucidam sua veemente oposição ao superintendente da SUDENE no início da década de 1960. Se era inegável sua preocupação com a necessidade de resguardar as especificidades regionais e nacionais em todo e qualquer projeto de mudança, posição essa que Freyre já expressava desde a década de 1920 através da obra **Manifesto regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife**,¹⁴ era inegável também sua postura política fundada no apego a uma previsibilidade capaz de circunscrever toda mudança a formas de equilíbrio de antagonismos, de diferenças e de radicalismos.

Projetos, como os da SUDENE sob direção de Celso Furtado, que estavam voltados para dar substancialidade às ações de enfrentamento aos poderes oligárquicos na região Nordeste, não poderiam, de fato, obter apoio de Gilberto Freyre. Portanto, sua rígida oposição aos projetos encaminhados por Furtado, expressava, acima de tudo, uma postura política diante dos caminhos que tomavam o país naquele momento. Em **Dialética do desenvolvimento**, publicada em janeiro de 1964, e em **A fantasia desfeita**, há passagens em que Celso Furtado posiciona-se politicamente a favor da necessidade do enfrentamento e da criação de um ambiente favorável à ampliação da luta de classes no país.¹⁵ Politicamente isso era considerado um radicalismo descabido por Gilberto Freyre, postura que ele manteve ao longo da sua vida. Numa entrevista, em

¹² FREYRE, Gilberto. Palestra pronunciada em solenidade comemorativa do vigésimo aniversário de fundação da Sudene. 1979, p. 2. Disponível em: <http://prossiga.bvvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/palestrapronunciada.htm>. Acessado em 12 jul. 2005.

¹³ Id. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

¹⁴ Id. **Manifesto regionalista, tradicionalista e, a seu modo, modernista do Recife**. Recife: Instituto Joaquim Nabuco, 1976. Série documentos, n. 6.

¹⁵ “Esse esforço se inseria em amplo processo de mudança social, todo ele orientado para recuperar o atraso político e abrir espaço a fim de que parcelas crescentes da população regional assumissem na plenitude os direitos de cidadania. Verdadeiras mudanças não poderiam vir senão da renovação dos quadros políticos, com o aumento de sua representatividade e a rejeição para um desvão da história, das velhas oligarquias”. FURTADO, Celso. **A fantasia desfeita**. In: _____. **Obra autobiográfica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 37.

1985, para a revista **Ciência Hoje**, ele afirmava que havia sim no Brasil luta de classes, mas no Brasil, “[...] os conflitos de classe não têm conotação tão forte, ou intransponível. São transponíveis. Sem querer exagerar no otimismo, não sou tão preocupado com tais conflitos. Serão saudáveis”.¹⁶

Durante o regime iniciado em 1964, o autor de **Casa grande & senzala** fez várias propostas de ação aos governantes. Nesses aconselhamentos, Freyre insistia na necessidade de pôr em prática uma forma de engenharia social e humana para assim combater a exacerbação dos poderes tecnocráticos que ganhavam proeminência naquele momento.¹⁷

E por que eleger as atitudes de Gilberto Freyre diante do processo político a partir da década de 1960 para esclarecer sua proposta de implementação de uma forma de engenharia social? William Thomas, o qual exerceu significativa influência sobre Gilberto Freyre, e Znaniecki, ambos membros fundadores da Escola de Chicago, afirmam que a análise somente se constitui como sociológica se for capaz de revelar

[...] ao mesmo tempo os valores sociais, que são “os elementos culturais objetivos da vida social”, e as atitudes, que são “as características subjetivas dos indivíduos [...]”. A atitude é um conjunto de idéias e emoções que se transforma em uma disposição permanente em um indivíduo e lhe permite agir de determinada maneira.¹⁸

Se a atitude é um conjunto de idéias que permite a ação, pode-se dizer que as atuações de Gilberto Freyre e as de Celso Furtado, nos primeiros anos da existência da Sudene, estavam orientadas por modos significativamente distintos de conceber o processo social no qual se inseria a criação daquele órgão do governo federal.

Os depoimentos de Celso Furtado, na obra **A fantasia desfeita**, revelam uma indisposição de Gilberto Freyre para tomar atitudes propositivas naqueles primeiros anos, após a criação da Sudene. Aquele primeiro deixou transparecer, em uma

¹⁶ FREYRE, Gilberto. A grande casa de Gilberto Freyre: entrevista. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v.3, n. 18, p. 87, maio-jun.1985.

¹⁷ Sobre isto ver: Id. **Homem, Cultura e Trópico**. Recife: Imprensa Universitária, 1962.
Id. **Brasis, Brasil, Brasília**: sugestões em torno de problemas brasileiros de unidade e diversidade e as relações de alguns deles com problemas gerais de pluralismo étnico e cultural. Rio de Janeiro: Record, 1968.
Id. **Rurbanização: o que é?** Recife: Massangana, 1982.
Id. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987.
Id. Uma perspectiva brasileira de cruzamentos entre insurgências, constâncias e ressurgências numa formação nacional. In: _____. **Insurgências e ressurgências atuais**: cruzamentos de sins e de não num mundo em transição. Rio de Janeiro: Globo, 1983.

¹⁸ COULON, Alain. **A Escola de Chicago**. Capinas: Papyrus, 1995, p. 30.

determinada passagem do livro acima mencionado, uma certa perplexidade com o modo de agir do autor de Casa grande & senzala, na qualidade de membro do Conselho Deliberativo. Assinale-se que, em nenhum momento, Furtado deixava de reconhecer a importante obra que Freyre havia construído até então. Transparecia, até mesmo, certo espanto, de sua parte, em relação às atitudes daquele último.¹⁹

Pode-se dizer que a desconfiança de Gilberto Freyre em relação aos projetos postos em andamento pelo superintendente da Sudene somente pode ser lida à luz de sua compreensão distinta acerca da aplicação da ciência às ações operacionais. Ou seja, havia algo que colocava Celso Furtado e Gilberto Freyre em lados completamente opostos. Enquanto esse último concebia a atuação do homem de ciência como engenharia social, aquele primeiro recusava, inteiramente, a obsessão pela previsibilidade que estava na base deste modo de agir. O dado mais interessante é que essa distinção não é somente uma diferença de perspectiva no que se refere à aplicação da ciência ao planejamento. É muito mais do que isso. Ou melhor, é a expressão de duas posturas políticas que caminham em direções opostas.

Explicando melhor: enquanto a engenharia social pretende resolver os problemas sociais através de um planejamento que garanta certa previsibilidade das ações dos agentes envolvidos, a planificação democrática, proposta por Furtado, tinha como pressuposto a impossibilidade de ter certezas absolutas sobre os processos históricos, já que as reações humanas, seus caminhos e possibilidades, são imprevisíveis.

Esse modo de Celso Furtado conceber o processo social era precedente à sua atuação na Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste. Comentando sua atuação na Cepal (Comissão Econômica para América Latina) ele afirmava:

Daí que me haja empenhado, desde que trabalhei na Cepal nos anos 50s, em elaborar uma técnica de planejamento econômico que viabilizasse com mínimo custo social a superação do subdesenvolvimento. Essa técnica objetivava modificar estruturas bloqueadoras da dinâmica sócio-econômica, tais como o latifundismo, o corporativismo, a canalização inadequada da poupança, o desperdício desta em formas abusivas de consumo e sua drenagem para o exterior. As modificações estruturais deveriam ser vistas como

¹⁹ Uma das atitudes que havia causado uma certa perplexidade em Furtado teria sido o modo como Freyre, no início da década de 1960, havia descrito a Sudene para um jornalista internacional. O conselheiro Gilberto Freyre “fizera uma catilinária contra a direção da Sudene, [a definindo como] um ‘perigoso antro de comunistas’”. FURTADO, Celso. A fantasia desfeita. In: _____. **Obras autobiográficas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 273.

um processo liberador de energias criativas, e não como um trabalho de *engenharia social* em que tudo está previamente estabelecido. Seu objetivo estratégico seria remover os entraves à ação criativa do homem, a qual, nas condições de subdesenvolvimento, está caracterizada por anacronismos institucionais e por amarras de dependência externa.²⁰ [destaques meus]

A ENGENHARIA SOCIAL E A ENGENHARIA HUMANA: A DEFESA DO HOMEM SITUADO COMO FORMA DE COMBATER A FUTUROLOGIA

Por que Gilberto Freyre, enquanto esteve no Conselho Diretivo da Sudene, nos primeiros anos em que o órgão foi dirigido por Celso Furtado, mostrava-se pouco envolvido, pouco entusiasmado e reticente com os projetos que ali vinham sendo desenvolvidos? E com base em que dados é possível levantar, até mesmo, essa indagação? Essa questão está sendo trazida à baila em vista de um depoimento de Celso Furtado que traz a seguinte informação:

Gilberto Freyre fora convidado por mim [...] para integrar o conselho deliberativo do antigo CODENO (Conselho de Desenvolvimento do Nordeste), permanecendo na Sudene, onde representava o Ministério da Educação. Era assíduo às reuniões, mas mantinha uma atitude displicente, e mesmo indiferente. Jamais tomara a iniciativa de um projeto, como se desejasse deixar claro que não estava ‘envolvido’ ou que não atribuía importância ao que ali se fazia. Intervinha raramente, e, nas poucas vezes que o fazia, lia o que dizia, como se desejasse precaver-se contra adulterações de suas palavras nas atas que registravam os debates. [...] Eu atribuía seu comportamento a certa ojeriza pela economia, matéria que não lhe despertava qualquer interesse e da qual pouco conhecimento tinha. Certamente ele via economicismo em tudo o que fazia a SUDENE.²¹

A reticência de Freyre diante dos projetos postos em andamento dava-se, em parte, em razão de considerar as ações em curso como dotadas de um extremo economicismo. Ele próprio afirmou isso numa palestra pronunciada no dia 11 de dezembro de 1979 na comemoração do 20º aniversário de fundação da SUDENE. Ele diz:

Minha oposição ao economicismo do Professor Celso Furtado, quando primeiro Superintendente da SUDENE, consta, decerto, dos anais deste órgão benemérito. Ela aguçou-se quase pungentemente quando o ilustre Superintendente começou a pôr arbitrariamente em prática, contra o mais elementar humanismo científico e contra o mais elementar ecologismo, uma mecânica transferência de brasileiros do Nordeste árido para o Nordeste úmido – o Maranhão – sem preparar-

²⁰ FURTADO, Celso. **Brasil: a construção interrompida**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 75.

²¹ Id. *A fantasia desfeita*. In: _____. **Obra autobiográfica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 273

se o migrante, oficialmente dirigido, para uma tão radical mudança de adaptação ao ambiente.²²

Todavia, mesmo havendo uma diferença de fundo entre o que foi dito por Furtado e o que foi dito por Freyre, o primeiro afirma que havia uma omissão intencional do segundo, e este, por sua vez, nega que tenha havido omissão, já que ele ter-se-ia posicionado contra os projetos em curso pelo caráter economicista dos mesmos. No entanto, este artigo não aprofundará essa discussão, pois ela exigiria uma pesquisa mais detalhada sobre os próprios anais da Sudene, o que não é possível fazer neste momento. A análise percorrerá outros caminhos, já que se está trabalhando com a hipótese de que a recusa de Freyre em envolver-se mais nas atividades propondo, principalmente, projetos, assentava-se numa dada perspectiva política que alinhavava um dado entendimento acerca da ação dos organismos governamentais.

Que perspectiva política era essa que já se mostrava bem delineada nos anos que antecederam a ditadura militar e se prolongaram nas décadas seguintes? Era uma leitura da realidade brasileira assentada na convicção de que se deveria construir aqui uma grande nação capaz de transpor e neutralizar todos os conflitos e lutas que se fossem delineando no horizonte. A perspectiva política posta nesses termos defende a existência de mecanismos extrapolíticos (culturais) capazes de controlar as mudanças dentro de marcos definidos pelo padrão de organização social brasileiro que estaria fundado tanto no rechaçamento de enfrentamentos quanto no enaltecimento do equilíbrio de antagonismos e de diferenças, fossem elas econômicas, políticas ou sociais.

A defesa de uma engenharia social por Freyre fundava-se na busca de instituições e de mecanismos estáveis de relação entre o governo e a sociedade. Ao seu ver, o regime militar que se instaurava a partir de 1964 era o único capaz, naquele momento, de controlar as leviandades que emergiram na cena política em meados do século XX. Em 1970, ele argumentava:

Não que eu [...] tenha envolvido na revolução de 1964, não creio que tenha tido uma participação assim efetiva, mas, antes de se dar o movimento, escrevi vários artigos em que tentava mostrar que estávamos numa situação insustentável, a continuar a

²² FREYRE, Gilberto. Palestra pronunciada em solenidade comemorativa do vigésimo aniversário de fundação da Sudene. 1979, p. 2. Disponível em: <<<http://prossiga.bvfgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/palestrapronunciada.htm>>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

irresponsabilidade do governo. [...] Creio que de certa altura em diante [João Goulart] perdeu, de fato, o senso de responsabilidade e impunha-se uma intervenção que só poderia vir de um órgão político como tem sido tradicionalmente, em situação de crise, o Exército brasileiro.²³

A sua perspectiva política conservadora baseada no controle de toda e qualquer mudança vinha à tona com muita força em suas propostas de ação tanto para os condutores do regime quanto para as lideranças do partido (ARENA) que auxiliava a ditadura em seus objetivos de obtenção de uma certa aceitabilidade para os seus propósitos políticos.

Nesse processo autoritário que se ia delineando de modo cada vez mais endurecido nos anos 60s, Gilberto Freyre considerava-se apto – em razão de seu conhecimento da “alma” nacional – para sugerir determinados caminhos aos dirigentes. Assinale-se que até o governo Médici ele demonstrava-se expressivamente afinado com as propostas do regime. Através de suas entrevistas e livros desse período ele parecia crente que se haviam findado os tempos de futurologias e leviandades.²⁴ O que ele entendia por isso? Eram as ações políticas voltadas para propostas de mudanças que tinham no seu âmago a imprevisibilidade e o descontrole dos acontecimentos que apontavam para um devir incerto.

Os movimentos sociais, as greves, as reivindicações, os descontentamentos dos setores dominantes, a radicalização crescente de grupos de esquerda nos anos que antecederam o golpe, entre outros, indicavam para Gilberto Freyre descaminhos em relação a uma consciência nacional baseada

[...] na unidade e na solidariedade de todos os brasileiros, sem temer qualquer deles. Sem temer proletários que, em seu potencial, está demonstrado que são, há anos, dentro e fora do Brasil, uma força socialmente estabilizadora. Sem temer estudantes ou jovens em suas reivindicações.²⁵

²³ FREYRE, Gilberto. Palestra pronunciada em solenidade comemorativa do vigésimo aniversário de fundação da Sudene. 1979, p. 4. Disponível em: <<<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/palestrapronunciada.htm>>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

²⁴ Cf. Id. **Brasis, Brasil, Brasília**: sugestões em torno de problemas brasileiros de unidade e diversidade e as relações de alguns deles com problemas gerais de pluralismo étnico e cultural. Rio de Janeiro: Record, 1968.
Id. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
Id. **O brasileiro entre os outros hispanos**: afinidades e possíveis futuros nas suas interrelações. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

²⁵ Id. apud O fiel do poder moderador. **Veja**, São Paulo, n. 198, p. 45, 21 jun. 1972.

A engenharia social é que poderia garantir o estabelecimento de medidas que confluíssem para os objetivos de restauração de uma consciência nacional desprovida de radicalizações e de imprevisibilidades. Desse modo, o exercício do poder no regime militar estaria, segundo ele, habilitado para construir uma situação política e social em que fosse levado em conta o apreço à adversidade e à tolerância, ambas arraigadas nas tradições do país.

Fica mais fácil compreender a sua proposta de engenharia social como uma forma de ação, se forem levados em conta tanto o seu descontentamento com as ações de determinados segmentos do regime (os tecnoburocratas, por exemplo) quanto a sua satisfação com as possibilidades de manutenção, através de amplo controle, de um dado padrão de organização social assentado na moderação de todas as forças sociais que foram surgindo ao longo da história da nação. Ele afirmava:

Precisamos de uma mistura de autoritarismo com democracia. Durante o império, a autoridade foi consagrada no exercício do poder moderador, que é uma invenção brasileira. O imperador tinha o direito indiscutível de interferir com sua autoridade sempre que as disputas entre as facções pudessem levar a impasses que prejudicassem a vida do país. Em 1964, não tínhamos nem a coroa nem o poder moderador e a autoridade foi posta em perigo mortal. Agora, a revolução, a moderação está exercida pelas Forças Armadas com o Executivo forte.²⁶



Gilberto Freyre estava, após meados da década de 1960, empenhado em mostrar-se confiável aos condutores da ditadura. A sua ânsia por ajudar o regime era clarividente em suas entrevistas e obras que objetivavam fornecer subsídios para que o regime recém-instaurado obtivesse sucesso em seus propósitos. Os livros **Brasis, Brasil, Brasília: sugestões em torno de problemas brasileiros de unidade e diversidade e as relações de alguns deles com problemas gerais de pluralismo étnico e cultural**, de 1968, e **Além do apenas moderno: sugestões em torno de possíveis futuros do homem, em geral e do brasileiro, em particular**, de 1973, são exemplos dessa tentativa de Freyre de mostrar que ele possuía um conhecimento útil a prática política posta em andamento naquele momento. São, na verdade, guias de soluções para muitos problemas brasileiros que, segundo ele, o regime poderia resolver.

A sua proposta de ação fundada numa espécie de engenharia social pautada em valores, em tradições conciliadoras e equilibradoras de antagonismos tanto no âmbito

²⁶ FREYRE, Gilberto apud O fiel do poder moderador. **Veja**, São Paulo, n. 198, p. 46, 21 jun. 1972.

político quanto no social e no cultural, buscava, então, reabilitar suas interpretações do Brasil feitas desde a década de 1930. O saber sociológico produzido por ele, ao longo de várias décadas, parecia-lhe adequado para proceder de duas maneiras: questionando o fortalecimento dos poderes tecnocráticos e enaltecendo o conhecimento sociocultural do homem brasileiro como o melhor guia de soluções para a construção do devir desejado e perseguido por ele ao longo de sua vida.

A virtude de ações baseadas na engenharia social por ele proposta estaria, assim, assentada num conhecimento profundo do pluralismo étnico e cultural brasileiro. Portanto, diferentemente dos tecnocratas que viviam a buscar um mundo moderno desconexo das singularidades sócio-culturais que nos ligavam ao passado, a sua proposta de engenharia social tinha como base ações que levassem em consideração que o devir no que ele contém de moderno e de pós-moderno está severamente “influenciado pelo pré-moderno na sua plenitude”.²⁷

Era visível, então, num primeiro momento, um dissimulado descontentamento com a idéia de modernização veiculada pelos dirigentes tecnoburocratas do regime militar. Ao seu entender, havia pouca preocupação desses segmentos com “as concretas realidades psicossociais e sócio-culturais”.²⁸ Somente ações fundadas em uma engenharia social e humana eram dotadas de capacidade de fazer com que o país se firmasse enquanto nação moderna “perante si mesma e perante as demais nações, ativamente conscientes dos valores que lhes [eram] próprios”.²⁹

Ao mesmo tempo, Freyre criticava a tecnocracia como inepta para dirigir o país a uma condição moderna, dada a sua inabilidade de construir ações condizentes com a realidade psicossocial e sociocultural brasileira. Ele se derramava em elogios ao fortalecimento do Executivo, o que ele denominava de presidencialismo monárquico, o qual era o único, naquele momento, ou seja, em 1970, capaz de propor soluções para o país em vista da inépcia dos partidos e dos políticos de modo geral.³⁰

Causa, no mínimo estranheza, o seu combate, velado até os anos 70s, à tecnocracia vir acompanhado de uma defesa aberta ao fortalecimento do Executivo. Evidentemente, a concentração de poder nas mãos deste último é o alimento mais fértil

²⁷ FREYRE, Gilberto. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973, p. 3.

²⁸ Id apud Sábios e políticos. **Veja**, São Paulo, n. 194, p. 16, 24 maio 1972.

²⁹ Ibid.

³⁰ Id. Se fosse jovem, seria hippie. **Veja**, São Paulo, n. 84, p. 4, 14 abr.1970.

para o desenvolvimento de uma tecnocracia poderosa. Mas ele parecia dissociar esses dois fatos porquê, na verdade, ele não estava questionando os poderes tecnocráticos; ele, com sua proposta de ação fundada numa engenharia social, estava a reivindicar espaço nesse círculo de poder para ações que levassem em consideração tanto o conhecimento quanto a realidade psicossocial e sociocultural.

E, que conseqüências do ponto de vista prático traria a adoção de medidas e de ações que levassem em conta a nossa realidade sociocultural e psicossocial? Inúmeras, já que as ações do regime deveriam levar em conta, até mesmo, as especificidades das atitudes mais radicais como os seqüestros, assaltos, atentados feitos pelos que se opunham com veemência à ditadura. Ele afirmava:

[...] os próprios seqüestros entre nós se apresentam com uma diminuída violência se formos comparar os assaltos, seqüestros, o terrorismo noutros países, inclusive na democracia dos Estados Unidos. Há entre nós como que uma tendência para atenuar a violência que continua a se fazer sentir. Eu creio que no caso do seqüestro do embaixador dos EUA houve de fato uma grande demonstração de cordialidade brasileira.³¹

Havia, assim, uma sugestão de que todas as medidas e ações dos dirigentes do regime militar fossem pesadas na balança das tradições, dos valores que faziam do brasileiro um ser específico e singular. Nisso se resumia, ao menos em parte, a sua proposta de engenharia social. A industrialização, a modernização educacional, o combate à pobreza, à violência, às desigualdades, etc., tinham que ser feitos em vista das especificidades inter-regionais, inter-raciais e interculturais. Os aspectos sociológicos eram, então, mais importantes que os simplismos estatísticos.

Num texto intitulado **Interação eurotropical: aspectos de alguns dos seus vários processos, inclusive o lusotropical**, publicado, em 1966, no **Journal of Inter-American Studies**, e disponível hoje em sistema on-line,³² Gilberto Freyre esclarece o que ele entende por intervenção do conhecimento sociológico no processo de produção de mudanças sociais dirigidas.³³

³¹ FREYRE, Gilberto. Se fosse jovem, seria hippie. **Veja**, São Paulo, n. 84, p. 4, 14 abr.1970.

³² Id. **Interação eurotropical: aspectos de alguns dos seus vários processos inclusive o lusotropical**. 1966. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/frances/obra/artigos/cientificos/interacao_eurotropical.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

³³ A engenharia social e humana deveria, segundo ele, ser acionada para operar uma autocolonização da Amazônia. A transamazônica era obra da engenharia física que tenderia ao fracasso se não houvesse uma combinação com aquelas outras duas formas de engenharias mencionadas. Ele dizia algo idêntico em relação à construção da Itaipu. Para ele, tanto o incentivo para uma migração intranacional (no

O conhecimento sociológico, antropológico e histórico teria aplicabilidade caso conseguisse orientar as ações de mudança rumo a processos que levassem em conta o homem situado. A engenharia social consistia exatamente nisso. Ou seja, a junção de saberes e de práticas voltados para manutenção da autenticidade cultural. A tradição teria que estar na base das modificações sociais que estavam sendo gestadas pelo período pós-1964. O desenvolvimento industrial impulsionado nesse período traria modernizações, as quais teriam, ao seu entender, que ser balizadas pelas tradições culturais do país. “Segundo Freyre, o desenvolvimento não é um fim em si mesmo, mas um meio fundamental de proteção da autenticidade de uma civilização”.³⁴

Os procedimentos políticos sugeridos por Freyre nos livros **Além do apenas moderno, Brasis, Brasil, Brasília e O brasileiro entre os outros hispanos** indicam que ele considerava que os militares à frente do poder seriam uma espécie de garantia de que a tradição cultural fundada no equilíbrio de antagonismos seria resgatada e mantida. Haveria, então, uma forma de desenvolvimento modernizador voltado para o homem brasileiro nas suas especificidades inter-regionais, inter-raciais e interculturais. Advinha daí, ao menos em parte, seu apoio ao golpe e ao regime militar, o que ele justificava em razão da existência de uma conjuntura, no início da década de 1960, de radicalizações negadoras de nossas tradições.

A ENGENHARIA SOCIAL E HUMANA: UM SABER ESPECIALIZADO VOLTADO PARA COMBINAR OS NOVOS AVANÇOS DA ERA MODERNA COM AS CONDIÇÕES PSICOSSOCIAIS BRASILEIRAS

Assinale-se que a posição política de Freyre favorável ao regime militar o leva a ter uma postura amena no que tange às críticas aos setores tecnocráticos civis e militares. Isso pode ser verificado quando se compara a sua postura diante das ações dos dirigentes pós-64 com as suas críticas veementes às ações postas em andamento pela SUDENE. Em 1979, na palestra comemorativa do 20º aniversário deste último órgão,

caso do povoamento da região norte) quanto a retirada de indivíduos e grupos inteiros (no caso da construção da usina hidrelétrica) de determinados locais criam problemas que somente os engenheiros sociais podem ajudar a solucionar. Ver: Id. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 124.

³⁴ CANDEAS, Alessandro Warley. Trópico, cultura e desenvolvimento no Brasil: evolução e atualidade da tropicologia. **Anais do seminário de Tropicologia**, Recife, Fundaj, 2003, p. 1. (Anais) Disponível em: <<<http://www.tropicologia.org.br/conferencia/2003tropicocultura.html>>>. Acesso em: 15 jul. 2005.

Freyre parecia absolutamente intransigente em relação ao que ele denominava de postura meramente técnica e economicista do superintendente Celso Furtado. Com as tecnocracias civis e militares ele parecia descontente, mas também muito mais transigente. Por que isso revelava uma determinada postura política? Porque no que se referia às ações de Celso Furtado e de seu grupo à frente da Sudene, Freyre não via qualquer outra solução senão o repúdio e o rechaçamento absoluto e definitivo.

No que diz respeito às ações do grupo de poder da ditadura, ele procurava instruir os dirigentes acerca da necessidade de levar em conta os aspectos socioculturais e psicossociais. Há, então, uma diferença de fundo que é essencial. No caso das ações dos governos militares na Amazônia isso fica bastante evidenciado. Ele considerava que o trabalho do ministro Mário Andreazza no que tange à autocolonização³⁵ daquela região era excelente. Porém, era um conjunto de ações pautadas somente na engenharia física, o que demandava a complementação de uma engenharia social e humana.³⁶ A não-convocação do pesquisador social levaria, certamente, aqueles projetos postos em andamento na Amazônia ao fracasso. Ele afirmava que erros assim já haviam sido cometidos no Brasil. A construção de Brasília seria um exemplo de enaltecimento de aspectos físicos e estéticos e de desprezo dos elementos sociais e humanos.³⁷

A sua intransigência na condição de membro do conselho deliberativo da Sudene em relação às medidas propostas por Celso Furtado tem como essência a convicção de que elas poderiam levar o país a irresponsabilidades conforme ele próprio declarou ao se pronunciar, em 1970, sobre o governo de João Goulart.³⁸ Naquele contexto, o que seriam, para Freyre, atos de irresponsabilidade? Seriam todas as ações que incentivassem a quebra das nossas tradições conciliadoras. À frente da Sudene, Celso Furtado considerava essencial que fossem sendo criadas as condições para enfrentamento do poder oligárquico. Isso era visto por Freyre como algo que fugia às

³⁵ O próprio Freyre empregava esse termo autocolonização em: FREYRE, Gilberto. Palestra pronunciada em solenidade comemorativa do vigésimo aniversário de fundação da Sudene. 1979, p. 5. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/palestrapronunciada.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

³⁶ Freyre incumbia-se de dar diversas sugestões aos dirigentes da ditadura militar. Sobre os projetos que deviam ser postos em prática na região Nordeste, ele pedia aos governantes que fosse dada atenção às obras que tinham mudado o Vale do Tennessee nos EUA. As obras que combinaram as engenharias física, humana e social haviam conseguido efeitos extraordinários naquele país. *Ibid.*, p. 8.

³⁷ *Ibid.*, p. 5.

³⁸ *Id.* Se fosse jovem, seria hippie. **Veja**, São Paulo, n. 84, p. 4, 14 abr. 1970.

tradições socioculturais e psicossociais formadoras do povo brasileiro que era dado ao equilíbrio das diferenças e não a radicalizações. Em entrevista à revista **Veja**, em 1970, ele afirmava: “[...] antes de se dar o movimento [de 1964], escrevi vários artigos em que tentava mostrar que estávamos numa situação insustentável a continuar a irresponsabilidade do governo”.³⁹

De fato, a sua proposta de ação fundada numa engenharia social tinha como objetivo principal a sugestão de caminhos para lidar tanto com os elementos de acomodação quanto com os de quebra dessa acomodação. Seus livros das décadas de 1960, 1970 e 1980, citados anteriormente, apontavam para a impossibilidade de não haver quebras de acomodação em vista, até mesmo, das condições de inserção, naquele momento, do Brasil no mundo. Advinham daí as suas sugestões reiteradoras da necessidade, por parte dos dirigentes, de levar em consideração os elementos extrapolíticos. As medidas largamente ditatórias do governo Médici (1969-1973) eram vistas por ele como adequadas, já que estavam afinadas com essa busca de equilíbrio dos antagonismos num mundo que se transformava vertiginosamente.



De modo que a situação é essa: atualmente estamos diante de uma situação internacional tão complicada, tão cheia de violência, que países como o Brasil precisam se defender de possíveis intrusões nos seus assuntos nacionais da parte de forças estranhas. Para essa defesa, impõem-se um governo presidencial monárquico, monarquia relativa, que nos defenda de tais intrusões, agressões e violências, até que seja possível, entre nós, um regime socialmente anárquico no sentido bem construtivo de anarquia.⁴⁰

Suas sugestões que, segundo ele, eram fruto de um exercício de engenharia social e humana, objetivavam agregar elementos socioculturais àquelas medidas que vinham sendo postas em prática naquele momento. Em 1979, discutindo a autocolonização da Amazônia brasileira, a qual estava sendo executada pelos governos militares, Freyre dizia que os efeitos positivos daquele processo somente seriam efetivos e duradouros se ganhasse força a combinação de:

[...] novas formas de relações entre três tipos de liderança – o científico-técnico, o humanista-científico e o político – que precisarão de ajustar-se para serem, pela sua obra em conjunto, dignos de um também novo tipo de relações entre elite e nação, entre região e nação, entre nação e comunidade internacional. Mais: condicionados de

³⁹ FREYRE, Gilberto. Se fosse jovem, seria hippie. **Veja**, São Paulo, n. 84, p. 4, 14 abr. 1970..

⁴⁰ Ibid.

modo mais amplo [por] aquelas três engenharias – a física, a humana, a social.⁴¹

Havia de sua parte a preocupação em destacar que a implementação de políticas que contemplassem essas três engenharias seria, certamente, marcada por conflitos de diversas naturezas, ou seja, tanto no que se refere a métodos e metodologias quanto no que diz respeito às percepções distintas dos problemas sociais. Haveria a necessidade de equilibrar as diferenças e as divergências, numa espécie de conciliação em favor do homem socialmente situado. Freyre dava um exemplo esclarecedor de sua proposta. Ele argumentava que os conhecimentos produzidos pela engenharia humana deveriam ser aproveitados, principalmente, para o progresso tecnológico dentro das condições humanas. Ao estudar o comportamento do homem em relação ao progresso técnico, o engenheiro social oferece elementos para que todo desenvolvimento tecnológico seja enquadrado e controlado pelas condições humanas, socioeconômicas, socioculturais e sócio-regionais.

A engenharia social e humana deveria operar uma espécie de ajustamento entre o homem e a tecnologia, entre o tradicional e o moderno, entre o nacional e o regional.⁴² Assinale-se que uma das preocupações centrais de suas discussões nas décadas de 1960, 1970 e 1980 era com a necessidade de que fossem levadas em conta as vocações regionais. Havia um progresso tecnológico em andamento, naquele momento, que, muitas vezes, desconsiderava as especificidades regionais. É nesse contexto que ele criticava os tecnocratas (Delfim Netto, por exemplo) que possuíam quase que um desprezo patológico⁴³ por tudo que não se situasse nas regiões centro-sul do país.

A obra **Rurbanização: o que é?** publicada em 1982, pode ser tomada como um exercício de engenharia social nos moldes propostos por Freyre. Nela ele defende a busca de uma espécie de confluência entre o rural e o urbano. O que não significava imitação de estilos de vida urbano na zona rural, mas sim a recriação de pequenas cidades, de agrovilas rurbanas como centros de vivências não administrados pela

⁴¹ FREYRE, Gilberto. Palestra pronunciada em solenidade comemorativa do vigésimo aniversário de fundação da Sudene. 1979, p. 3. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/palestrapronunciada.htm>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

⁴² Sobre estas questões, ver: Id. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. _____. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

⁴³ Id. A grande casa de Gilberto Freyre: entrevista. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 18, p. 87, maio-jun. 1985.

obsessão do tempo-trabalho. Conforme seu entendimento, essas agrovilas rurbanas se apresentariam no futuro como a solução para um mundo fundado na automação que potencializaria mais e mais o tempo desocupado dos indivíduos.

A engenharia social deveria instrumentalizar os governantes a tomar decisões políticas acertadas em relação aos ritmos das mudanças postas em andamento. Cada região, teria que ser incorporada ao processo de transformação técnico-social de modo singularizado, já que a adaptação de cada povo às modificações que iam sendo introduzidas se fazia de modo diferente. Empenhado em orientar as ações políticas dos dirigentes da ditadura, Freyre mostrava-se favorável à pretensão dos militares em construir aqui uma potência mundial. No seu entender, era esse mesmo o destino do país, mesmo porque não havia outra saída diante das transformações técnico-sociais que estavam ocorrendo no Brasil e no mundo.

No entanto, para cumprir esse destino de grande nação diante do mundo era preciso recriar as elites. As elites de luxo eram totalmente desnecessárias, dispensáveis. Somente um projeto educacional voltado para descobrir homens talentosos nas diversas áreas do conhecimento conseguiria criar essa elite útil ao desenvolvimento técnico-social, a qual poderia vir, até mesmo, da favela, dos mocambos e das choupanas. Ele tentava, assim, instruir os governantes a criar condições para a formação de indivíduos empenhados em expandir as ações que vinham sendo implementadas com o fim de rumar o país para ser uma grande potência mundial. As novas elites forçariam uma espécie de expansão do círculo de poder. Não se vislumbra em seus escritos uma defesa da superação das elites antigas, mas sim a sobreposição, a estas últimas, de uma elite útil a um crescimento econômico condizente com as especificidades psicossocioculturais brasileiras.

Deve-se perguntar, a discussão de Gilberto Freyre sobre engenharia social lidava ou não com a questão da pobreza e da desigualdade? Em parte, sim. Contudo, ele se voltava muito mais para aquela primeira do que para a segunda. A pobreza deveria ser combatida criando-se no país “condições de produção econômica e de organização social mais saudável que as hoje (1979) dominantes”.⁴⁴ Ele advogava a necessidade de

⁴⁴ FREYRE, Gilberto. Palestra pronunciada em solenidade comemorativa do vigésimo aniversário de fundação da Sudene. 1979, p. 6. Disponível em: <<<http://prossiga.bvvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/palestrapronunciada.htm>>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

combater a exploração imperialista que pesava sobre as populações tropicais, como uma forma de combater a pobreza.

Freyre considerava, porém, que faltava “detentores do poder político e detentores do poder econômico”⁴⁵ voltados para combater a exploração imperialista que penalizava os setores mais pobres da população.⁴⁶ O descaso com os aspectos sociais e culturais é que levava as classes dominantes e as dirigentes a se omitirem diante de situações como essas. O combate à prática imperialista seria uma forma de preservar, até mesmo, as tradições socioculturais do país. O Brasil moderno deveria caracterizar-se, então, por uma civilização que fosse capaz de conciliar as inovações materiais com uma cultura teluricamente tropical.

Se havia um processo global produtor de avanços tecnológicos, havia também subprocessos especiais, tais como os iberotropicals, os hispanotropicals, que tinham que lutar para se impor num mundo em vertiginosa mudança. A engenharia social e humana deveria ser chamada a instruir os governantes a resistir a uma integração destruidora de modos de vivência singularizados socioculturalmente. Em 1966, no texto **Interação eurotropical**, ele afirmava que a industrialização, por exemplo, se inscrevia num processo global de modificações sociais em curso, mas era discutível o que advogavam os tecnocratas, a saber, que ela seria a solução para a pobreza. Há muitos fatores (não apenas econômicos) definidores desse processo de inferiorização econômica de parte da população.

As ações de Gilberto Freyre visando auxiliar os governantes militares ficaram registradas em suas várias obras daquele momento. Há, em alguns momentos de seus textos, registros que revelam seu enorme empenho em mostrar que suas discussões eram úteis e deveriam ser levadas em conta pelos governantes. Ele afirmava:

Estive certa vez, em Brasília, com o então presidente da república Ernesto Geisel – tão atento à necessidade de uma mais efetiva integração das populações de terras de solos pobres no processo de desenvolvimento brasileiro – e com alguns dos seus então ilustres ministros e colaboradores: Golbery do Couto e Silva, Ney Braga e

⁴⁵ FREYRE, Gilberto. Palestra pronunciada em solenidade comemorativa do vigésimo aniversário de fundação da Sudene. 1979, p. 8. Disponível em: <<<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/palestrapronunciada.htm>>>. Acesso em: 12 jul. 2005.

⁴⁶ Freyre citava como exemplo as indústrias extrativas multinacionais que tentavam firmar monopólios sobre alguns produtos da região Nordeste.

Severo Gomes.⁴⁷ Versei com eles o assunto. Todos se mostraram sensíveis a esta necessidade: a de aprofundar-se no país a integração inter-regional.⁴⁸

A ENGENHARIA SOCIAL COMO MEIO DE COMBATER AS VISÕES TECNOCRÁTICAS

Era visível a contradição, nas discussões de Freyre, relativamente à tecnocracia civil e militar que estava à frente do poder no período ditatorial. Em alguns momentos ele tecia algumas críticas ao regime porque este havia-se entregado aos tecnocratas⁴⁹ e, em outros, ele elogiava de modo expressivo as ações dos componentes tecnocráticos do grupo de poder.⁵⁰ Ao insistir que os militares deveriam estar atentos para utilizar com mais constância os supradotados das elites do país, Freyre reforçava, indubitavelmente, a percepção tecnocrática em vigor naquele momento. Contudo, ele procurava traçar uma fronteira entre essa última e a percepção sensível que deveria prevalecer no trato das questões nacionais.⁵¹

Ele destacava que havia muitos homens no governo Geisel com sensibilidade para buscar aprofundar a integração inter-regional. Seus encontros, suas reuniões com alguns deles tinham a intenção de convencê-los acerca da necessidade de um melhor aproveitamento dos talentos regionais, os quais deveriam ser chamados para ajudar a dar respostas aos problemas que se colocavam naquele momento.⁵² Transparece em seus escritos que essa era uma forma de minar os simplismos tecnocráticos que circunscreviam todos os desafios a uma ótica do centro-sul.

⁴⁷ Em *Homens, engenharias e rumos sociais*, Freyre afirmava que Golbery do Couto e Silva trafegava pelas três engenharias, ou seja, física, humana e social. O conhecimento advindo desse contato com as mesmas, através da Geopolítica, levava o ministro do governo João Figueiredo (1979-1985) a lamentar que o desenvolvimento físico e material não tivesse sido acompanhado pelo desenvolvimento político e social. Esse suposto lamento soava muito estranho, pois era necessário considerar que a paralisação do desenvolvimento político devia-se exatamente à instauração da ditadura militar. Esse era um problema político e institucional e não um problema de engenharia social. FREYRE, Gilberto. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 28.

⁴⁸ *Ibid.*, p. 146.

⁴⁹ *Id.* A grande casa de Gilberto Freyre: entrevista. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 18, p. 87, maio-jun. 1985.

⁵⁰ *Id.*, 1987, op. cit., p. 146.

⁵¹ *Ibid.*

⁵² *Cf. Ibid.*

Em vários momentos de sua obra, ele parecia advogar não contra a ação político-militar que necessitava dos tecnocratas, mas sim contra alguns indivíduos, isoladamente, que ampliavam o tecnocratismo em favor de interesses que prejudicavam algumas regiões, como a Norte e a Nordeste, por exemplo. Ele dizia:

Quando se fala, no Brasil de hoje, em desenvolvimento, quer em termos abrangentemente nacionais, quer especificamente regionais, toca-se em assunto que, de todo, repele abordagens simplistas. Inclusive – ousar sugerir – as puramente tecnocráticas. Ou as linearmente matemáticas no seu modo de pretenderem ser não só econômicas como políticas e, mesmo as que deixam de ser sociais.⁵³ sociais nos seus alcances mais amplos por estreitarem suas próprias concepções do social.⁵⁴

A complexidade social teria de ser considerada todas as vezes que as ações tentassem projetar algo para o futuro. Se a preocupação com o devir estava sempre em questão nas ações políticas, era inimaginável a constituição de projetos e de planos de desenvolvimento transnacional, nacional e regional que não colocassem os aspectos socioculturais e psicossociais no centro de tais projeções. A seu ver, ficava cada vez mais difícil para os governantes, no mundo atual, lidar de modo simplista com os prováveis futuros que despontavam no horizonte. Seriam socialmente válidas somente aquelas medidas que levassem em conta as experiências vividas regionalmente, nesse caso, a América Latina, que, enquanto região, tinha que ser pensada em vista de um tempo vivido singularmente desde a sua formação colonial. A imposição de padrões culturais tenderia a fracassar, já que seriam eles inadapáveis a mundos distintos.

Gilberto Freyre parecia interessado em advertir as autoridades nacionais e internacionais quanto à inócua tentativa de projetar um futuro destituído de elementos particularizantes para cada povo, para cada região do mundo. As modernizações e os desenvolvimentismos tinham que ser pesados em relação às experiências já vividas, às ecologias presentes e ao tipo de homem que daí emergiu. No caso do Brasil, todas as projeções futuras tinham que considerar o homem lusotropical que se configurou num tipo singular de ser humano. Ele alertava para o fato de que tal sugestão rejeitava

⁵³ No livro **Além do apenas moderno**, Freyre afirmava que levar em conta os aspectos sociais era ter em conta uma complexidade enorme de questões que exigiam métodos complementares de abordagem. Não bastava simplesmente introduzir nas ações governamentais preocupações sociais reprodutoras dos simplismos tecnocráticos. FREYRE, Gilberto. **Além do apenas moderno**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

⁵⁴ Id., 1987, op. cit., p. 148.

[...] argumentos apenas matemáticos ou numerológicos ou estatísticos ou quantitativos que de todo prescindem da consideração de fatores ou de implicações qualitativas nas definições principais, quer do que seja civilização, quer do que seja desenvolvimento.⁵⁵

As medidas do regime instalado em 1964 eram socialmente válidas, segundo Freyre, porque elas reiteravam a refutação, presente desde a nossa formação, desagregadora do país. Assinale-se que ele pensava as mudanças, que estão ocorrendo no país, a partir da década de 1960, como válidas ou não-válidas. Isso era feito em vista do que era desejável, não-desejável, evitável e não-evitável. Daí o papel importante que, segundo ele, cabia à engenharia social. Apenas ela era capaz de estabelecer um cálculo qualitativo da pertinência e da eficácia das medidas implementadas.

O desenvolvimento nacional – entendido apenas como crescimento econômico e enriquecimento de alguns setores e não como projeto de combate à pobreza e às desigualdades sociais – que o regime militar insistia estar buscando e realizando era discutido por Freyre de modo expressivo em suas várias obras citadas aqui. Mas como era o tom de sua discussão? Era o do aconselhamento aos dirigentes. Ele dizia:



Aos planos ou projetos de desenvolvimento nacional brasileiro é preciso, sob um critério, além de antropocultural, sociológico, e este sempre atento a condicionamentos situacionais, que não falte atenção ao que, nas tendências sociais da gente já mais característica do país, já constitua, em parte significativa, e em termos nacionais, o começo de uma nada insignificante civilização, ao mesmo tempo que moderna, telúrica.⁵⁶

A engenharia social é que poderia auxiliar os dirigentes a não cair num desenvolvimento imitativo de comportamentos estranhos ao modo de ser do brasileiro. Somente seria nacionalmente válido aquilo que reiterasse a personalidade coletiva do brasileiro em geral. Observe-se que Freyre acreditava na existência de uma característica personificadora de todos os que habitavam o país. Havia em seus textos, até mesmo, uma forma de lamento quanto às descaracterizações que poderiam advir com o progresso tecnológico. Era inadmissível que a modernização tornasse o brasileiro subeuropeu ou subianque. O brasileiro de São Paulo, por exemplo, poderia sucumbir a esse desenvolvimento descaracterizador, já que ali a afirmação nacional estava ocorrendo através de um desenvolvimento que não resguardava as pessoas das intromissões estrangeiras desnecessárias e recusáveis. As qualidades nacionais estavam

⁵⁵ FREYRE, Gilberto. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 149.

⁵⁶ Ibid., p. 151.

sendo postas em segundo plano. E o mais grave é que, em vista desta ótica fundada no desprezo pelo tempo social vivido, o centro-sul julgava como inadequada toda e qualquer resistência ao processo de industrialização. Desprezava-se, assim, a necessidade de manter as tradições do país no transcorrer de todo e qualquer processo de mudança.

O combate a essas visões simplistas deveria ser feito através da engenharia social,⁵⁷ a qual

[...] lidando principalmente com estruturas mais do que com funções – sem se fechar num estruturalismo sectário – preocupa-se mais com a criação de novas formas e de novos estilos de convivência social do que com a adaptação do comportamento de um grupo social a normas pré-fabricadas de convivência.⁵⁸

Gilberto Freyre invocava a engenharia social para auxiliar os dirigentes e intelectuais a agirem diante de um mundo (pós-1960) que se modificava em profundidade no que dizia respeito às relações inter-humanas entre as diversas civilizações? A civilização brasileira teria um papel importante nessas mudanças que estavam ocorrendo em razão da formação étnicocultural do brasileiro. Se toda transmutação trazia insurgências fazia-se necessário preservar, conservar as constâncias que diferenciavam o brasileiro de outros povos materialmente superiores.

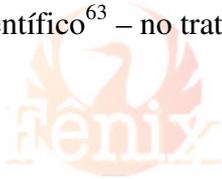
A conciliação entre o regional e o universal era, então, o grande desafio que cabia à engenharia social, a qual deveria ser incumbida de fazer uma síntese do universal-regional sem desconsiderar o universal-nacional. Este último depende tanto do regional quanto do transnacional e do supranacional. Todavia, a compreensão dessa dependência passa pelo discernimento não só do sentido político, do cultural e do nacional mas também do homem brasileiro no seu sentido plural.

⁵⁷ Freyre afirmava que se recusava identificar engenharia social com reforma social, com serviço social e com engenharia humana. Esta última procura “saber como as atividades motoras do ser humano e a sua visão e a sua audição se relacionam com o trabalho que cada um realiza dentro de um grupo social em diferentes situações ligadas a diferentes ocupações, as quais, inter-relacionadas, constituem um conjunto de atividades ao mesmo tempo individuais e sociais, susceptíveis de se desenvolverem num ritmo de eficiência mais ou menos vantajoso ao grupo total”. FREYRE, Gilberto. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 14. A engenharia social significava, para ele, ciência social aplicada ou aplicável.

⁵⁸ Ibid., p. 12.

A ciência social aplicada e aplicável⁵⁹ (engenharia social) deveria, assim, auxiliar os dirigentes a tomar decisões em razão dos fenômenos psicossociais ou psicoculturais brasileiros, ou melhor, em vista de situações ecológicas e historicamente nacionais. O fundamento de toda ação política e/ ou econômica deveria constituir-se através do conhecimento de vivências situadas, de culturas situadas, de economias situadas. “Situada(s) em espaços, tempos, circunstâncias”.⁶⁰ Ao seu ver, Severo Gomes (ministro do governo Geisel) e o próprio presidente Ernesto Geisel (1973-1979) mostravam-se interessados em um desenvolvimento tecnológico adaptado à situação brasileira, no que diz respeito às suas especificidades nacionais e regionais.⁶¹

A engenharia social praticada, por exemplo, na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), estava sendo valorizada por posturas como as dos dirigentes acima mencionados, insistia Freyre.⁶² Ao defender a conciliação de uma responsabilidade científica, técnica, social, nacional e regional ao mesmo tempo, produziam-se as condições para combater o arbítrio “do poder político e do poder superburocratizado: poderes, por vezes, ainda relutantes em admitir o poder científico – ou o humanístico-científico⁶³ – no trato de assuntos nacionais ou regionais”.⁶⁴



www.revistafenix.pro.br

⁵⁹ “A engenharia social é ciência social sob este aspecto: o de ciência que, aplicável, se torna aplicada”. FREYRE, Gilberto. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 54.

⁶⁰ Ibid., p. 22

⁶¹ Gilberto Freyre fazia essa afirmação em vista de pronunciamentos de Severo Gomes e Geisel a favor de um desenvolvimento tecnológico que refletisse a especificidade do local onde foi gerado. Geisel era elogiado por Freyre por mencionar a necessidade de uma tecnologia ajustada à situação tropical. Ibid., p. 18.

⁶² Freyre afirmava que, quando estava prestes a assumir a Presidência da República, o Gal. João Batista Figueiredo fez uma visita ao Instituto Joaquim Nabuco. Nessa ocasião, os cientistas sociais vinculados àquele órgão sugeriram ao futuro dirigente do país que fosse rurbanizado o desenvolvimento brasileiro. Atuar, junto aos dirigentes, para rumar o país num sentido oposto ao inchaço das cidades era um exercício que cabia à engenharia social. Vide: Id. Uma perspectiva brasileira de cruzamentos entre insurgências, constâncias e ressurgências numa formação nacional. In: _____ **Insurgências e ressurgências atuais: cruzamentos de sins e de não num mundo em transição**. Rio de Janeiro: Globo, 1983, p. 162-163.

⁶³ A engenharia social “parte de uma experiência social que resulte de experimentos sociais”. Id., 1987, op. cit., p. 92

⁶⁴ Ibid., p. 161.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DA ENGENHARIA SOCIAL COMO ACESSORAMENTO AOS DIRIGENTES

Os esclarecimentos acerca das insurgências e das ressurgências eram, então, essenciais para os planos de ações dos dirigentes.⁶⁵ As ciências sociais aplicadas (engenharias sociais) deveriam ser acionadas pelos governantes, não só no Brasil, mas também no mundo. Essa era uma condição essencial para se ter clareza da natureza das dificuldades que cada país teria que enfrentar, em vista de suas singularidades sociais, políticas e culturais.

O Brasil e os demais países deveriam ter clareza de que os grandes desafios a serem enfrentados, no século XXI, não se inscrevem somente no âmbito da política, da economia, do Estado, mas sim no âmbito da extrapolítica, do extra-racional, do extra-estado, do extraburocrático.⁶⁶ As experiências humanas, principalmente, as do campo da cultura, que são, ao mesmo tempo, presente e passado é que estariam na base dos ajustamentos e dos desajustamentos aos novos tempos. Toda mudança, no país, rumo a ajustamentos ao mundo vindouro deveria ter, na sua base, o homem ultrabrasileiro, o qual reúne, de modo tríplice, tanto o brasileiro quanto o pré-brasileiro. O ultrabrasileiro não pertence a uma época, a uma classe ou a uma raça específicas. Ele pertence ao Brasil total.⁶⁷

No centro dessa discussão de Freyre estava a sua antiga insistência de que nenhuma insurgência que se delineava no horizonte seria capaz de comprometer o que havia na essência do ser brasileiro: a sua constância. Todo e qualquer projeto de desenvolvimento econômico, de democracia política, de modernização tecnológica e industrial, de inserção na economia mundial e de redefinição de atitudes e de comportamentos, deveria levar em conta as constâncias que sempre alinhavaram as

⁶⁵ Gilberto Freyre afirma que a engenharia social deveria contribuir para a formação de elites biossocialmente válidas, ou seja, de fato, comprometidas com um desenvolvimento global e não apenas econômico. Esse caráter válido adviria de seu compromisso com as condições tríplices e com o brasileiro total. Cf. FREYRE, Gilberto. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 81.

⁶⁶ “É evidente o crescente conflito entre o poder econômico, político, tecnocrático – com pretensões a ser o mais racional e, sem dúvida, o superburocrático – e o poder racionalmente político de decisão, ao qual não falte, em face dos problemas complexos, aquela supra-racionalidade que se baseia em intuições”. Id. Uma perspectiva brasileira de cruzamentos entre insurgências, constâncias e ressurgências numa formação nacional. In: _____. **Insurgências e ressurgências atuais: cruzamentos de sins e de não num mundo em transição**. Rio de Janeiro: Globo, 1983, p.162.

⁶⁷ Ibid., p.169.

mudanças sociais no país, constâncias essas que têm funcionado como reguladoras de toda e qualquer transição.

Observe-se que Freyre estava levantando tais questões num momento em que os setores dirigentes mostravam-se apreensivos quanto aos rumos da chamada abertura política. Ele estava, então, tentando alertar tanto aos governantes quanto às oposições para o fato de que as ações políticas em curso, naquele momento, deveriam considerar que as constâncias regulariam as ações e os seus ritmos. Ao buscar revelar, aos governantes, os aspectos fundamentais da possibilidade de o país exercer, no século XXI, o papel de “[...] antecipador de conciliações de modernismos múltiplos”,⁶⁸ ele estava, sem dúvida, procurando exercer a função de engenheiro social, nos moldes por ele concebido a partir da década de 1960.

A necessidade de desenvolvimento de um conhecimento aplicável e aplicado que conseguisse uma forma de desenvolvimento humano, que fosse capaz de conciliar igualdades e qualidades, massas e elites, ganhava destaque em sua proposta de ação fundada na engenharia social. “Conformidades de comportamento com antecipações ou orientações renovadoras”.⁶⁹

Ficava evidente que a engenharia social tinha para Freyre um caráter essencialmente voltado para o controle de toda e qualquer mudança social. Todos os processos, fossem eles educacionais, políticos, econômicos, sociais ou culturais, deveriam ser validados por conciliações entre o educacional e o intuitivo, o político e o extrapolítico, o desenvolvimento tecnológico e a rusticidade, a urbanização e a rurbanização, o moderno e o tradicional, a racionalidade e a extra-racionalidade, o brasileiro e o pré-brasileiro, o nacional e o pré-nacional, o passado, o presente e o futuro.

Cabia à engenharia social esclarecer, no processo de transição vigente nos anos 80s do século XX, que os problemas a serem enfrentados, naquele momento, eram “[...] complexamente sociais e psicossociais. E não unilateralmente políticos ou exclusivamente econômicos”.⁷⁰ A democracia social, discutida nos processos de

⁶⁸ FREYRE, Gilberto. Uma perspectiva brasileira de cruzamentos entre insurgências, constâncias e ressurgências numa formação nacional. In: _____. **Insurgências e ressurgências atuais: cruzamentos de sins e de não**s num mundo em transição. Rio de Janeiro: Globo, 1983, p.206.

⁶⁹ Id. **Homens, engenharias e rumos sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1987, p. 91.

⁷⁰ Ibid., p. 93

distensão e de abertura iniciados a partir de 1973, tinha que ser problematizada em vista de uma situação específica do Brasil pré-nacional e nacional. Havia, segundo ele, no país um lastro indicador de que a preocupação com a democracia não era, na verdade, expressão de uma subversão do estado de coisas vigentes desde a Era Colonial, era sim a retomada de uma tradição democrática arraigada na formação social brasileira, a qual se assentava na harmonização dos contrastes, teses essas defendidas por ele desde a década de 1930.

A democracia social não poderia ser vista no país, segundo Freyre, como algo inconcebível. A existência de um tipo nacional de brasileiro cada vez mais independente de traços peculiares de raça, de classe e de região indicava condições suficientes para não se considerar impossível a implementação desta forma de democracia. Em muitos momentos, ele parecia acreditar que a democracia política provavelmente fosse mais difícil que a democracia social. Esta última não queria dizer, conforme ele já havia demonstrado em **Interpretação do Brasil**,⁷¹ somente uma crescente comodidade material. Era necessário chamar a atenção para a distinção entre democracia social e democracia econômica. Se a primeira encontrava aqui um terreno fértil para se desenvolver, a segunda, pelo contrário, parecia inalcançável em vista da pobreza e da miserabilidade petrificadas ao longo da história do país.

⁷¹ FREYRE, Gilberto. **Interpretação do Brasil**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1947, p. 97.